



Os usos narrativos das redes sociais no telejornalismo¹

Mariana Anselmo BARBOSA²

Renata REZENDE³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Esse artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre “os usos narrativos das redes sociais no telejornalismo” e pretende identificar os diferentes tipos de narrador que se fazem presentes nesses dois canais de comunicação e como eles se relacionam. Nesse artigo, particularmente, categorizamos os narradores que permeiam e predominam cada campo (televisão e internet) e observamos como o telejornalismo vem se apropriando cada vez mais das narrativas construídas e disponibilizadas nas redes sociais.

Palavras-chaves: telejornalismo; tecnologia; redes sociais; narrador; narrativa;

A narrativa no mundo: o narrador, o narrado e o público

A figura do narrador é tão antiga que não se pode precisar seu surgimento. Desde sempre, entre fatos narrados e o público, se interpôs um narrador, que ao longo da História viu as narrativas se tornarem mais complexas, seu posicionamento perante as mesmas passou por mudanças e seu próprio papel foi questionado e relacionado com outros conceitos, como a ficção e a imitação⁴.

Com o surgimento do romance como narrativa: mais complexo, longo e que entrelaçava diferentes enredos, a forma de narrar sofreu mudanças, como o distanciamento do narrador, que passou a se ocultar atrás da própria narrativa e de outros narradores. O romance trouxe à tona a ficção, que está estreitamente relacionada à

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFES. Pesquisador - bolsista PIIC/UFES - FAPES do grupo de pesquisa Sociedade Midiatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas Email: mariana.anselmobarbosa@gmail.com

³ Professora adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e orientadora desta pesquisa. Doutora pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem mestrado na linha de Novas Tecnologias da Informação, pela mesma universidade. E-mail: renatarezender@yahoo.com.br

⁴ Os conceitos de ficção e imitação utilizados neste artigo estão de acordo com o que foi definido por Aristóteles *in* Arte retórica. Arte poética (1964) e por Platão *in* A República (1975). Ambos serão explicados a seguir.



narração, pois quem narra, narra o que viu, ouviu e viveu, mas também o que imaginou, sonhou e desejou. É nesse contexto que surge o “*homo fictus*”, definido por E. M. Foster, cujo criador e narrador é a mesma pessoa, facilitando, assim, a leitura desse ‘homem’. “Geralmente nasce, é capaz de morrer, requer pouco alimento ou sono, está incansavelmente ocupado com relações humanas, e – o mais importante – podemos saber mais sobre ele do que sobre qualquer dos nossos semelhantes, porque seu criador e narrador é um só” (FOSTER, 1974, p.43).

Narrar está além de simplesmente contar histórias, repassar os fatos. Quem o faz imediatamente assume um papel e precisa interpretá-lo. A essa representação da realidade, feita pelo narrador, denomina-se imitação, ou *mimese* do real. Aristóteles (1964) e Platão (1975) refletem sobre a relação entre essas duas ações – narrar e imitar - e os efeitos que podem surtir nos ouvintes e leitores.

Para Platão, toda criação é uma imitação da natureza verdadeira - o mundo das idéias - e o ato de narrar não escapa a esse pensamento, sendo mais interessante, segundo o autor, que em um discurso se alterne a imitação e a narração, sendo que apenas as boas ações, valores e gestos devem ser imitados. O narrador não deve assumir totalmente o papel que narra para que não se envergonhe de sua própria imitação ou fazê-lo a sério. De acordo com o filósofo, o que o narrador faz é a imitação pela imitação.

“O homem ponderado, segundo me parece, quando tiver de referir, numa narração, uma frase ou uma ação de um homem bom, procurará exprimir-se como se fosse esse homem e não se envergonhará de tal imitação, sobretudo se imitar qualquer aspecto de firmeza e de sabedoria. Imitará menos vezes e menos bem o seu modelo quando este tiver falhado, sob o efeito da doença, do amor, da embriaguez ou de qualquer outro acidente. E, quando tiver de falar de um homem indigno dele, não se permitirá imitá-lo a sério, a não ser de passagem, quando esse homem tiver feito qualquer coisa de bem (...)” (PLATÃO, 1975, p.90-1)

Enquanto a ideia de Platão sobre o ato de imitar é carregada de valores morais, Aristóteles (1964) trabalha com a imitação como reveladora das essências. As teorias, técnicas e ações que estão presentes no mundo de hoje, são frutos de um acúmulo de referenciais de teorias, técnicas e ações passadas. O ser humano tende a buscar em situações e pensamentos anteriores a ele uma referência para suas próprias ações e pensamentos. Nesse sentido, Aristóteles contrapõe Platão ao colocar a imitação como um referencial e não pela simples imitação.



“O poeta deve falar o menos possível por conta própria, pois não é procedendo assim que ele é imitador. Os outros poetas (...) ao longo do poema procedem como atores em cena, imitam pouco e raramente; ao passo que Homero, após curto preâmbulo, introduz imediatamente um homem, uma mulher ou outra personagem, e não somente nenhuma carece de caráter, senão que de cada uma são estudados os costumes” (ARISTÓTELES, op. cit., p. 314.)

Com a diversidade de narrativas, a predominância, ou não, da *mimese* e o surgimento do *homo fictus*, entre outros fatores, o narrador foi se moldando conforme cada história, dando a cada uma delas um tipo específico de narrador. Para além desses fatores, Norman Friedman (*apud* LEITE, 2006) agregou outros questionamentos para desenvolver uma tipologia que classifica esses possíveis narradores: “quem conta a história? (...) De que posição ou ângulo em relação à história o narrador conta? (...) Que canais de informação o narrador usa para comunicar a história ao leitor? A que distância ele coloca o leitor da história?” (LEITE, 2006, p.25)

Os possíveis narradores de Norman Friedman

O *autor onisciente intruso* é aquele que tem a liberdade total para narrar como quiser, a partir da sua observação direta. Pode colocar-se acima dos acontecimentos, ou posicionar-se fora, ou ainda no centro deles e lhe é permitido transitar entre esses posicionamentos sem prejudicar a narrativa. “É um eu que tudo segue, tudo sabe e tudo comenta, analisa e critica, nem nenhuma neutralidade” (LEITE, 2006, p.29). Seu caráter divino lhe permite tecer comentários, expressar opiniões e pensamentos, que podem ou não estar entrelaçados à história narrada. Esse narrador, ao mesmo tempo em que aproxima o leitor dos fatos, o afasta. Aproxima ao deixar que o leitor penetre nos pensamentos das personagens, que sonde suas facetas mais escusas, e afasta ao se interpor sempre entre o leitor e o narrado, quebrando a sequência dos acontecimentos para colocar um parecer seu.

Apesar de compartilhar algumas características narratológicas com o *autor onisciente intruso*, como o discurso em terceira pessoa, seu posicionamento entre o leitor e o narrado, sua descrição a caracterização das personagens, o *autor onisciente neutro*, por sua vez, evita comentar, ou julgar, o caráter das personagens, seus atos e comportamento. É esse diferencial entre o *intruso* e o *neutro*, que confere ao último uma impressão de objetividade.



A terceira classificação de Friedman trata do *Eu* como testemunha (“I” as witness): uma narrativa em primeira pessoa, feita por quem viveu os fatos como personagem secundária. Por ser um testemunho, a narrativa se restringe ao narrar dos fatos e a especulação de hipóteses, já que não se sabe os pensamentos e sentimentos das outras personagens. O que pode acontecer, é a ‘testemunha’ se valer de provas (documentos, coisas que ouviu e viu) que confirmem suas especulações para ir além do superficial e do visível.

O *narrador como protagonista* (“I” as protagonist), quarta classificação de Friedman, trata de uma narrativa feita a partir de um centro fixo, também limitado, por não conhecer os pensamentos dos demais e poder apenas especular. Esse narrador “encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. De maneira semelhante, o ângulo de visão é aquele do centro fixo.” (FRIEDMAN, 2002, p.177)

A narrativa que se vale da *onisciência seletiva múltipla* não tem um narrador para contar os fatos, mas faz uso dos pensamentos e das impressões das personagens da trama. Enquanto o autor onisciente intruso resume que se passa na cabeça das personagens depois de ter acontecido, o discurso da onisciência seletiva detalha cada pensamento e impressão no momento em que ocorrem.

Friedman (*apud* LEITE, 2006) aponta ainda o *modo dramático*, que assim como a *onisciência seletiva e seletiva múltipla*, suprime o papel do narrador, que é usado apenas para amarrar os diálogos entre as personagens, ou para informar quem fala ou faz alguma coisa. A técnica é difícil de empregar em narrativas longas.

A narrativa denominada *câmera* é a que mais exclui o papel do narrador e “serve àquelas narrativas que tentam transmitir flashes da realidade como se apanhados por uma câmera, arbitrária e mecanicamente”(FRIEDMAN *apud* LEITE, 2006, p.62).

A narrativa jornalística

Se narrar, por definição, é expor por escrito, ou oralmente, um fato/ acontecimento, ou uma série deles, o jornalista, antes de qualquer coisa, é um narrador. A atividade jornalística está atrelada a esse conceito desde o surgimento da profissão, na Europa Central, em meados do século XVI. Independente do meio pelo qual se faz o jornalismo – impresso, rádio, televisão e agora a internet, todos buscam informar ao leitor/ espectador um fato ou acontecimento. Mudam-se os meios, mas não o objetivo.



Um mito que permeia a narrativa jornalística é a objetividade, que supõe um texto imparcial, sem qualquer traço de subjetividade ou julgamento do autor. Esse conceito surgiu no âmbito jornalístico no final do século XIX, nos Estados Unidos e tornou-se padrão universal no começo do século XX. “A objetividade tem origem na necessidade de estabelecer uma fronteira ética em relação a jornais sensacionalistas, que os norte-americanos chamaram de imprensa amarela e os brasileiros apelidaram de marrom” (CARDOSO, 2003). Para Barros Filho (2001, p. 38), “a objetividade se caracteriza por seu caráter restrito a alguns aspectos da realidade: “seria sinônimo dos conceitos de ‘equilíbrio’ e ‘justiça’, de ‘pluralidade’ e de ‘neutralidade’, um conjunto de ‘formulações aceitas por todos’.”

Mesmo que ainda esteja presente nos manuais de jornalismo, a viabilidade da real aplicação desse conceito já é discutida tanto no mercado de trabalho, quanto nas universidades. Um dos principais argumentos é que “todo discurso é ideológico e heterogêneo” (SODRÉ, 2009. p.141), na medida em que o ato de narrar, por si só, implica o uso da subjetividade, ainda mais quando o narrar significa ouvir diferentes fontes, versões, cruzar informações, selecioná-las e, por fim, coletar todas essas narrativas e montar uma outra para repassar ao público. “Perde-se no emaranhado complexo da informação jornalística, onde entram em jogo os critérios de seleção, motivação pessoal ou de grupo, conflitos sociais e, sobretudo, interesses econômicos e políticos” (CARDOSO, 2003).

Juarez Bahi (1990), apesar de defender o ideal da narrativa objetiva, afirma:

“a formação cultural do jornalista, que influi sobre a notícia, e a interpretação, que separa a notícia apurada na fonte de opinião. Considera, então, que ela é um ideal, algo desejável, mas impossível, um alvo inalcançável. Isso não quer dizer que jornais e jornalistas não devem tentar atingi-lo” (BAHIA, 1990. p.13).

“A prática da objetividade entra também em discussão quando se pensa nos próprios repórteres, pois o maior distanciamento nas reportagens descompromete-os de responsabilidades tanto éticas quanto jurídicas” (CARDOSO, 2003). Desta forma, como resquício do padrão que prima pela objetividade, o jornalista busca ser o mais imparcial possível, captando o maior número de fontes, ouvindo várias versões e se distanciando do fato narrado. Dentro das categorias estipuladas por Friedman (*apud* LEITE, 2006) citadas anteriormente, o jornalista tende a ser um *narrador onisciente neutro*, narrando em terceira pessoa, descrevendo personagens e ambientes e constantemente presente



entre o público e o fato narrado, na medida em que “...narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra como atuante” (SANTIAGO, 1989. p.39).

O declínio do estilo *onisciente intruso* se deu na metade do século XIX, quando a objetividade jornalística começava a aparecer, trazendo à tona o onisciente neutro, que evita tecer comentários e julgamentos. “O narrador onisciente intruso saiu de moda a partir da metade desse século, com o predomínio da ‘neutralidade’ naturalista.” (LEITE, 2006, p.29)

Desde o seu surgimento no século XVI, o jornalismo presenciou grandes mudanças que acabaria por influenciar o modo de fazê-lo, como a invenção e o desenvolvimento de novas tecnologias e novos canais de comunicação e momentos históricos diversos. Em cada caso, foi preciso encontrar uma forma de se adaptar a essas mudanças, tanto na técnica, quanto na própria narrativa.

“Em meio à crise evidente das formas tradicionais de jornalismo diante da circulação de informação através da Internet em tempo real e fluxo contínuo” (SODRÉ, 2009. p.23), o telejornalismo precisou se adaptar. Aliar as velhas técnicas da TV à instantaneidade da internet foi uma das soluções encontradas para que o público desse dispositivo não migrasse para a narrativa *online*, tornando a TV obsoleta.

Se a Internet tornou-se fonte de informação para o público, a partir dos *blogs* e das redes sociais, assim se deu também para os jornalistas. Em uma plataforma que não tem problemas com espaço, ou a falta dele, ficou mais fácil buscar e cruzar informações, ter acesso a bancos de dados e criar arquivos de memória. A facilidade de acessar a rede e manuseá-la fez do público um produtor de conteúdo, que pode vir a ser, ou não, jornalístico. Fotos, textos, áudios e vídeos produzidos em um contexto particular, se tornam públicos quando colocados na rede, sendo uma possível fonte para as mídias tradicionais como a televisão, que aos poucos utiliza cada vez mais esses conteúdos advindos da Internet, mais especificamente das redes sociais.

As redes sociais e as possibilidades narrativas

O ciberespaço, devido a sua pluralidade de vozes e maior acessibilidade às ferramentas por parte do público, acomoda uma gama de narrativas, que comporta inclusive linguagens das mídias tradicionais. De acordo com cada finalidade, estipulou-



se uma melhor forma de narrar ao público da Internet, que possui características próprias, como a multi-atividade, a maior facilidade para dispersão e um filtro mais apurado, que apenas pelo *lead* já elimina, ou não, a notícia. SODRÉ (2009. p.156) identifica alguns pontos que caracteriza a notícia na internet: “Use frases mais curtas. Use parágrafos iniciais curtos. Empregue uma linguagem vigorosa. Seja positivo, não negativo” porque, segundo PEREIRA e MORAES (2003. p.06) “o modo que a Internet executa sua função narrativa é, como a própria rede, um fenômeno em processo”. Desta forma, a notícia na rede possui elementos da própria dinâmica do dispositivo, caracterizado pela não-linearidade, volatilidade, multimodalidade, interatividade e hipertextualidade (PEREIRA; MORAES, 2003, p.06).

Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e sua maior acessibilidade, o comportamento e o pensamento de uma geração cresce convivendo com os avanços dessas tecnologias. A prática da comunicação tecnológica fortaleceu o surgimento das chamadas redes sociais, que são os sites de relacionamento que oferecem ao usuário ferramentas que possibilitam a interação. O conteúdo pode ter caráter geral, ou específico e as pessoas podem se agrupar por afinidades.

No Brasil, as redes sociais virtuais tiveram tamanha aceitação e propagação, que hoje o país é um dos que abriga o maior número de usuários de dois dos três *sites* de relacionamento mais populares do mundo: *Twitter*⁵ e *Orkut*⁶. Dos 85 milhões de usuários cadastrados no *Orkut*, até o mês de agosto de 2010, 52 milhões⁷ deles eram brasileiros. No microblog *Twitter*, até o mês de agosto do mesmo ano, 20,5% dos 93 milhões⁸ de perfis pertenciam a brasileiros, o que deixa o país em primeiro lugar no *ranking* de usuários. O Facebook⁹, maior site de relacionamentos da Internet, com 500 milhões

⁵ Rede social criada em 2006, o microblog permite aos usuários enviar e receber mensagens de texto, conhecidas como *tweets*, com até 140 caracteres. Pode-se interagir pelo próprio site, mensagens de celular ou *softwares* de gerenciamento. As atualizações são exibidas no perfil do usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários que seguem o perfil.

⁶ Rede social filiada ao *Google*, foi criada em fevereiro de 2004. Seu objetivo é fazer com que as pessoas mantenham contato, ou conheçam novas pessoas. O usuário cria um perfil ao qual adiciona informações pessoais e profissionais. Pode-se enviar recados, conhecidos como *scraps*, para amigos já adicionados ao perfil, criar álbuns de fotos, postar vídeos e participar de comunidades com temas específicos, interagindo com outros usuários.

⁷ Dado retirado do site *Info Online* (<http://info.abril.com.br/noticias/internet/orkut-e-8-vezes-maior-que-facebook-no-brasil-25082010-6.shl>) Acessado no dia 02 de Dezembro de 2010.

⁸ Dado retirado do site O Globo (<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2010/08/11/base-de-usuarios-do-twitter-com-cresce-109-ao-ano-917371469.asp>) Acessado em 02 de Dezembro de 2010.

⁹ Rede social criada em fevereiro de 2004 pelo estudante de Harvard [Mark Zuckerberg](#), que inicialmente buscou integrar alunos da Universidade. Em 11 de setembro de 2006 o acesso se expandiu a qualquer pessoa maior de 13 anos. No seu perfil, o usuário adiciona informações pessoais, profissionais e selecionam páginas destinadas a um tema específico que lhes agradem. É possível postar mensagens em tempo real no próprio perfil, que são visíveis nos perfis dos amigos adicionados e postar no perfil deles



de perfis¹⁰ até o mês de julho de 2010, ganhou maior expressividade no Brasil. Foram contabilizados 5,3 milhões¹¹ de usuários brasileiros até o mês de setembro de 2010.

Dentre as qualificações de narradores feitas por Friedman (*apud* LEITE, 2006), os usuários de rede sociais transitam por três, das quatro principais: *onisciente neutro*, *eu como testemunha* e *eu como protagonista*. Tais categorias são direcionadas para diferentes usos, como o próprio perfil, o perfil do outro e as páginas tidas como comunidades.

Ao falar de si, seja em seu próprio perfil, ou quando utiliza das comunidades para dar testemunhos e compartilhar experiências, o usuário da rede social assume o papel de protagonista dos relatos, narrando em primeira pessoa, expressando seus sentimentos e pensamentos, jogando com suas hipóteses e suposições e descrevendo o comportamento das outras personagens envolvidas na narrativa. Dessa forma, ele cria sua imagem naquela rede social, possibilitando aos demais participantes conhecê-lo melhor. Mas compartilhamento de experiências e informações também aceita outras formas de narrar, como o *eu como testemunha*, na qual aquele que narra não é o personagem central, mas esteve envolvido no fato narrado. Os detalhes que transmitem ao público se atêm as ações e os acontecimentos.

O narrador *onisciente neutro* está presente em páginas e comunidades com um caráter menos pessoal, focados em agregar informações sobre outrem. Funcionando assim, como um banco de dados e um arquivo de memória feito pelos próprios usuários, para que eles mesmos possam consultar posteriormente. Nesse sentido, a narrativa das redes sociais se parece com a telejornalística: um resultado de pesquisas em outras fontes, feita em terceira pessoa, com um recorte e um narrador se colocando entre o fato e o público. Mesmo na rede, “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 2004. p.203)

¹⁰ Dado retirado do site Opinião e Notícia (<http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/mundo/numero-de-usuarios-do-facebook-ja-ultrapassa-populacao-dos-eua/>) Acessado em 02 de Dezembro de 2010

¹¹ Dado retirado do site IDG NOW (<http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/10/21/numero-de-usuarios-do-facebook-dobra-no-brasil-em-5-meses-diz-ibope/>) Acessado em 02 de Dezembro de 2010

O público, em geral, alimenta a Internet com informações, que futuramente poderão ser utilizadas pelos profissionais das grandes mídias como fonte de informação,



ou até mesmo pautá-la. Não é mais necessário o jornalista noticiar um acontecimento para que ele seja notícia. A rede tem capacidade de fazer circular informação a ponto de a mesma tomar grandes proporções, tais quais as noticiadas pela grande mídia.

Muniz Sodré afirma que “o acontecimento é o resultante da construção de coletivo, em que atores não jornalísticos, constituídos de um público específico, superavam os profissionais.” (2009. p.40) O próprio público pega o “fato em bruto” – o acontecimento em si - e o interpreta, analisa e compara antes de divulgá-lo, fazendo dele um “fato social” - já interpretado e socializado.

O telejornalismo ainda encontra alguns desafios para fazer uso dos conteúdos presentes nas redes sociais, como o recorte necessário das narrativas para potencializar o seu uso na televisão - como e quando utilizar os vídeos, fotos e os textos que servem de fonte e provas daquilo que a TV noticia, ou ainda para determinar a credibilidade daquele conteúdo: quem o escreveu, de onde vem a notícia, os comentários gerados a cerca dela e onde está postada.

Considerações finais

Deve-se ressaltar por fim que tanto o conteúdo jornalístico apresentado pelos telejornais, quanto os postados nas redes sociais, normalmente de caráter não jornalístico, são passíveis de análise narratológica, enquadrando-se dentro de categorias estipuladas por Norman Friedman (*apud* LEITE, 2006) e citadas aqui. Em virtude dos avanços tecnológicos, o telejornalismo está, aos poucos, fazendo uso de narrativas das redes sociais, adaptando, nesse sentido, sua própria maneira de narrar.

A construção e a noticiabilidade do acontecimento passam, assim, cada vez mais para o público que, narrando fatos, colaboram com as mídias consideradas tradicionais, como a televisão, no momento de agregar fontes, indícios e detalhes sobre o narrado.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Arte poética. In: —. Arte retórica. Arte poética.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964

Bahia, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo.** Vol 2, 4.ed. São Paulo: Ática, 1990



BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação: da informação ao receptor.** Colab. Pedro Lozano Bartolozzi. São Paulo: Moderna, 2001

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política.** São Paulo, Brasiliense, 2004

CARDOSO, Darlete. **A Objetividade jornalística é (im)possível?** 2003. Disponível na internet em: http://busca.unisul.br/pdf/69759_Darlete.pdf Acesso no dia 13 de Novembro de 2010.

FRIEDMAN, Norman. **O Ponto de Vista na Ficção: O Desenvolvimento de um Conceito Crítico.** *Revista USP* 53 (2002): p.177

HOUAISS, Antônio. Houaiss - **Dicionário da Língua Portuguesa.** 2ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2004

IDG NOW (<http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/10/21/numero-de-usuarios-do-facebook-dobra-no-brasil-em-5-meses-diz-ibope/>) Acessado em 02 de Dezembro de 2010

Info Online (<http://info.abril.com.br/noticias/internet/orkut-e-8-vezes-maior-que-facebook-no-brasil-25082010-6.shl>) Acessado em 02 de Dezembro de 2010

LEITE, Ligia Chiappini, **O Foco Narrativo.** Ática, 10ed. 2006

O Globo (<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2010/08/11/base-de-usuarios-do-twitter-com-cresce-109-ao-ano-917371469.asp>) Acessado em 02 de Dezembro de 2010

Opinião e Notícia (<http://opinioenoticia.com.br/internacional/mundo/numero-de-usuarios-do-facebook-ja-ultrapassa-populacao-dos-eua/>) Acessado em 02 de Dezembro de 2010

PLATÃO, **A República.** Publicações Europa América, Mira – Sintra – Mem Martins, 1975

PEREIRA, Fábio Henrique. Moraes, Francilaine Munhuez. **Mas afinal, internet é mídia?** 2003. Disponível na internet em: <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/comunicacaovirtual/0221.pdf> Acesso no dia 12 de Novembro de 2010

SANTIAGO, Silviano. **O narrador pós-moderno.** Nas malhas da letra. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Rio de Janeiro. Vozes, 2009

